

Texto de apresentação da sessão de 9/3/2023

À conversa com Lídia Jorge sobre o seu livro

Misericórdia

O projeto Memória e Feminismos desenvolvido pela UMAR e com o apoio da Pequena Subvenção da CIG, começou em 2012, com recolha de histórias de vida de mulheres de várias regiões do país e das regiões autónomas. Nos últimos anos dedicou o seu trabalho às múltiplas discriminações a que muitas mulheres estão sujeitas. Neste contexto uma das discriminações equacionadas foi o idadismo (discriminação de um grupo etário). Porém, no desenrolar dos projetos e dado a premissa das muitas opressões a necessitar de serem faladas, o idadismo ficou não esquecido, mas adiado, aguardando sempre por uma próxima oportunidade.

Durante a pandemia, fui confrontada com o estereótipo da idade, associada a outra estereotípia – a de género.

O projeto “A idade e o género: até onde vai o preconceito”, começou nesse momento a germinar. Em 2021 e, através do referido projeto, abrimos espaço à reflexão sobre o idadismo e o género, através de tertúlias temáticas e da publicação da agenda feminista para o ano 2022, onde apresentamos 12 mulheres de diferentes regiões do país, diferentes condições sociais e profissionais e que apesar de terem mais de 65 anos, continuam a ter uma enorme força de vida e a serem uma voz presente na comunidade.

É neste contexto que aparece uma segunda fase deste trabalho, com o projeto “o envelhecimento e o género numa perspetiva

interseccional”, sobre o preconceito da idade, que atinge sobretudo mulheres mais velhas. Este preconceito que se vem instalando há largos anos, evidência as características da sociedade atual, onde sobressaem valores como o individualismo e o hedonismo, em contraponto a valores como a solidariedade e a intergeracionalidade.

Em “o envelhecimento e Género numa perspetiva interseccional” procuramos aprofundar o que significa envelhecer para mulheres de diversas classes sociais, origens étnico-raciais, orientação e identidade sexual diferentes. Assim, temos entrevistado e ouvido testemunhos de algumas mulheres mais velhas, bem como a sua reflexão sobre as discriminações de que são alvo. Encontramos alguns pontos de semelhança entre as respostas dadas por estas mulheres e a obra de Lídia Jorge.

Durante uma destas entrevistas, A.G, ouve frequentemente “Ó velha vai para um lar”. Lar como sinónimo de depósito de pessoas descartáveis, que a fazem sentir mal e cuja nomeação não aceita. No entanto, a protagonista de “Misericórdia” diz-nos “Este é o meu lugar de exílio. Aqui me depositaram a meu pedido e por minha livre vontade...Recuso o lamento, repúdio a contemplação da doença e condeno prolongamento da vida para além dos seus limites”.

Uma das frases que ouvimos com frequência nas entrevistas é sobre a infantilização das pessoas mais velhas. Sobre este assunto, no livro de Lídia Jorge a protagonista conta-nos; “... surgiram vários voluntários, 3 homens e 3 mulheres, para ajudarem na limpeza do espaço e cuidados pessoais. Vieram de longe animados de grande bondade. Resolveram enfeitar as mesas com figuras de animais como se fossemos humanos da primeira

infância. Na nossa mesa surgiu um galo feito de papel plissado e levava ao pescoço uma quadra que quase rimava *Eu sou galo cocorócoco, Meninos e meninas nunca estamos sós*”.

Outra das questões levantadas nas entrevistas é a forma como a sociedade vê as pessoas mais velhas – como seres sem direito a amar e a serem amados. O livro também fala deste preconceito, que atingiu o Lar, quando dois residentes se envolveram num caso amoroso. O preconceito, instalou-se desde os/as cuidadores/as até aos próprios residentes.

A tertúlia ou roda de conversa com a escritora Lúcia Jorge a propósito do seu livro *Misericórdia*, insere-se no âmbito deste projeto. Relata o diário do último ano de vida de uma mulher residente num Lar, num ambiente concentracionário onde testemunha o entrecruzar da vivência dos seus residentes. É também uma reflexão sobre a solidão e a finitude da vida. Diz-nos a protagonista desta obra: “Eu estava ao mesmo tempo maravilhosamente sozinha com a minha própria vida e acompanhada pela vida de outras criaturas. Estava com a vida dos vivos e a memória presentíssima dos mortos que continuam vivos”.

De certo que todas conhecemos a escritora Lúcia Jorge, pelos mais de 20 livros publicados em Portugal e no estrangeiro. Por ter sido condecorada em 2005 com Grã Cruz da Ordem do Infante D. Henrique e em 2015, como Oficial das Artes e das Letras de França. E ainda, pelos vários prémios literários que tem recebido.

Algarvia de nascença licenciou-se na Universidade de Lisboa em Filologia Românica. Até foi professora no Liceu Rainha D. Leonor que eu própria frequentei.

Bem nos lembramos do seu papel empenhado na luta pela despenalização do aborto.

Atualmente é uma das 3 mulheres do Conselho de Estado, o que demonstra a importância de todo o seu percurso.

Um agradecimento muito profundo por estar aqui hoje, por se dispor a falar deste seu último livro, que para nós é uma obra de referência.

Lisboa, 9 de março, 2023

Teresa Sales